



Gaiato

2 DE JULHO DE 1966
ANO XXIII — N.º 582 — Preço

OBRA DE RAPAZES, PARA RAPAZES, PELOS RAPAZES

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO: CASA DO GAIATO ★ PAÇO DE SOUSA
PROPRIEDADE DA OBRA DA RUA ★ DIRECTOR E EDITOR: PADRE CARLOS

FUNDADOR: Padre Américo

VALES DO CORREIO PARA PAÇO DE SOUSA ★ AVENÇA ★ QUINZENÁRIO
COMPOSTO E IMPRESSO NAS ESCOLAS GRÁFICAS DA CASA DO GAIATO



Dia de festa em Amarante. Uma casa que é entregue a mais uma Família a viver como tal.

Património dos Pobres

Eis-nos, tarde, mas sempre a tempo, dando notícias do que foi a actividade do Património dos Pobres no ano de 1965.

Os números que se vão referir, são, uma vez mais, ocasião de louvarmos a Deus pela Sua misericórdia, pois tantos anos vão passados, tão vária é a mente e a decisão dos homens, mas sempre o Senhor suscita na totalidade deles aquela boa-vontade que os faz Seus representantes nas Obras de construção do Amor.

O que é o Património senão uma Obra destas?! Faz Casas?... É verdade.

Elas porém são o pretexto, o instrumento material dessa outra edificação muito mais fundamental que é o Amor: o Amor de Deus aos homens, revelado, comunicado por estes, uns aos outros, no amor com que se amam. E o Amor não é palavra; é Ser. Por isso o amor dos homens entre si, se palavroso é estéril, como a videira de muita parra e pouca uva. Só na medida em que o amor é qualidade constitutiva do homem, é que ele circula no seu sangue e determina as resoluções que têm tempera de amor. Mas este amor é vida. E o amor-vida é o Amor, nome próprio de Deus, de Quem deriva todo o amor vivo que há no coração dos homens.

Quem duvida, quem contradiz que um homem em cujo sangue circula o amor é um bem que a humanidade elege ao património seu?

Não é assim com os homens cuja vida foi uma fogueira de

Cont. na SEGUNDA página

TRIBUNA de Coimbra

Acompanhámos os nossos visitantes numa volta a tudo. Começámos pelos dormitórios, desceámos às salas de jogos, seguimos às oficinas e escolas, atravessámos toda a quinta, passámos rentinho à piscina, dirigimo-nos aos currais, olhámos as capoeiras, entrámos na sala de jantar, cozinha e sala de costura em obras, e fomos parar à Capela.

Nos dormitórios as camas estavam alinhadas com as cobertas compostas, soalhos limpos a cheirar a cera, quartos de banho a respirar ar fresco, mesinhas com flores em cima.

As salas de jogos com mesa grande e bancos para a catequese dos pequenitos, quadros na parede, azulejos infantis e com motivos regionais, mesa de ping-pong e outros para jogos de mão, biblioteca, rádio com dois auto-falantes, mesa de bilhar, piano, televisão e lareira portuguesa, convidam ao recreio e a horas de estudo.

Nas oficinas era hora de trabalho. A serralharia, com torno mecânico, máquina de rodar

arros, eletrogénio, engenhos a furar, rebarbadora, forja e cavaletes, berbequim e esmeril atrai a gente moça que começa a despontar para a vida.

A carpintaria, na secção mecânica com torno, serra, tupi, garlopa, desgrossadeira e máquina de furar e na parte manual com banco e ferramenta para cada um, é uma escola de artistas e já temos bem lançados na vida sete deles.

A escola está cheinha com o nosso professor Carlos Manuel mais os seus quase sessenta alunos. É a melhor sala de toda a nossa Casa e nos dias de festa a temos embandeirada.

A quinta nesta altura é um paraíso. Oliveiras vestidas de floragem nova e adornadas com flores, macieiras, pereiras e ameixieiras carregadas de fruto, lanternas em flor, dois campos grandes cobertos de batatas cor-de-rosa, todo o fundo cheio de milho verdejante, quatro toneladas de feijão a trepar empilhado, o meloal a estender seus braços por vales fora, duas leiras de cebolo com a cabeça a rir a cima da terra, vários vales com tomates, pepinos e pimentos, dois cantos grandes com aboboreiras a crescer, os terrenos mais sonhobrios com couves repolhadas e todas as ruas cercadas de videiras enramadas.

A piscina tinha sido lavada na véspera e estava a encher de água fresca que corre das nossas minas, é o entusiasmo do sábado à noite e domingo todo o dia.

Nos currais caçámos os oito bois todos novos e mansos e passámos junto dos porcos a comer nas pias. Nas capoeiras andaram galos e galinhas e patos e gatinhos e coelhos e pintos, tudo mistura e todos se entendem.

Na sala de jantar estavam as mesas postas para noventa bocas a comer sem fastio e na cozinha o pequeno cozinheiro mexia a sopa no panelão, enquanto o outro cozinheiro esperava as batatas para as cozer.

Por fim entrámos na Capela. É pena ser pequenina para a beleza que contém. O sacrário de madeira o santuário que tem o altar ao centro. O arco está dum lado do cruzeiro; do outro um pequeno

Continua na QUARTA página

O "OBRA DA RUA"

O «Obra da Rua» está na mão de todos os assinantes da nossa Editorial. Seguiram já mais de 3.000 exemplares pelo correio — tantos quantos os assinantes.

E as notícias que chegam, espumantes! São momentos extraordinários de transfusão de Graça — e de reflexão. É o mundo sedento de amor e Paz. Sedento de Cristo que vive exangue, em tocas e mansardas, na pessoa dos nossos irmãos Pobres. Inquieto pela sua angústia, pelo seu clamor, pela sua voz; e que a pena carismática e inigualável de Pai Américo faz estremecer — até as almas que, dizem que ainda O não encontraram!

Tenho práqui um ror de cortas — quadros vivos e tão belos! — e não sei por onde

começar. Escolher, seria profano.

Olhem a primeira:

«Inclusos 50\$00, com o pesar de não poder ser muito mais, para compensar um pouco o trabalho dos Gaiatos, que o «miolo» do Livro, esse, não há dinheiro que o pague».

E a segunda:

«Com os meus mais vivos agradecimentos pelo recebimento do volume «Obra da Rua», junto um vale de correio de 50\$00 que rogo o favor de aceitar. Muito acertadamente não lhe atribuíram preço, pois a obra é inestimável. O Evangelho não se vende, nem se paga. Recreie-se».

E a terceira — o Óbulo da Viúva:

«Saúde e fraternidade. Acabo de receber o livro «Obra da Rua» cujo não pedi; mas agradeço a lembrança de me enviarem. Junto envio vinte escudos, pedindo desculpa de não poder mandar mais: sou viúva e não tenho muitos proventos».

E só mais esta:

«Bem hajam pelo último volume do «Obra da Rua». Saboreia-se como um manjar, aos poucos, sempre com o receio de ver depressa o fundo à tijela... Empolga, doutrina, e encanta o estilo. Medula e

Cont. na TERCEIRA página

amor? Os Santos — quem não busca títulos para os reivindicar como seus? Quantos não invocam Pai Américo como seu, porque aprenderam dele e por ele a altíssima sabedoria de amar?

O Património dos Pobres é uma edificação do Amor. Por isso ele cresce pela força de um fermento divino, qual milagre de multiplicação que não acaba nunca para os homens que acreditam que Deus é Pai e a nossa Providência.

«Estas casas não se fazem com dinheiro» — disse-o muitas vezes Pai Américo. E acrescentava: «Porque, se se fizessem, jamais seriam feitas; que com dinheiro constroem os homens que o têm e estes fazem prédios para render».

E no entanto, até destes, seduzidos pelo fogo luminoso que o Património irradia, têm investido nele dinheiro seu, que pela certa é uma bênção para os outros investimentos. Porém, estes são raros. Os leitores da coluna do «Agora», bem vão vendo, na roda do ano, como os fundos que se juntam, provêm de migalhinhas, repartidas quase sempre de quem tem para si uma sóbria fatia. O sacrifício, o amor destes é que faz a fogueira irradiante e inextinguível com a Sarça Ardente de que é centelha.

Nada, pois, de profanarmos os números e as considerações que sobre eles vamos fazer. Estas contas relatam valores do Espírito. E o dividendo que dão a cada um dos que as tornaram possíveis é a alegria, é a Paz que brota da certeza de que Deus é presente aos homens que acreditam nEle e O acolhem como Pai.

— x —

PATRIMÓNIO DOS POBRES



petentes. Abençoada repetição esta, enquanto significa que o ter feito algo, não desresponsabiliza as pessoas da terra de fazerem tudo quanto é preciso para que cada Família tenha resposta digna à sua necessidade de habitação.

As poucas que aparecem pela primeira vez, dizem do menos nosso «ir por aí fora, a cortar cheques», como escreveu Pai Américo — e ele e nós fazíamos nos tempos do lançamento da Obra, em que uma certeza de fundos mais abundantes e a menor procura a que éramos sujeitos nos levavam por muitas terras a fomentar o início e o crescimento do Património dos Pobres.

É pena que as Obras Públicas, por critérios muito provisórios, tenham desanimado de dar o seu alento, com toda a isenção, a uma obra em que os efeitos têm sido desproporcionadamente grandes em relação à causa. É pena, porque o desânimo não resulta a bem da Nação! Porquanto por nós, na perspectiva de Igreja e de Caridade que nos anima, ganha em pureza o que perde em parcelas e permite-nos testemunhar mais à evidência, a presença de Deus àqueles que trabalham em Seu Nome.

Com efeito, o total que por nossas mãos passou para mãos

a) Património dos Pobres: 287.568,350 — que, à média dos habituais 5 contos por casa, dão 57 delas.

Se pensarmos no resultado do ano que começou na ocorrência da morte de Pai Américo, é nada. Então construiu-se por todo o País quase uma casa por dia: Ultrapassaram-se as 340. Agora, apenas 1/6. É pouco. E este pouco creio que deve interpretar-se como resultante da pequena expansão que a Obra tem tido: Quantas paróquias do País, ainda por atingir! Em contra-partida, há a consolação de um trabalho em profundidade. Muitas freguesias que um dia experimentaram o sabor de dar morada a uma das suas Famílias indigentes que a não tinha digna de seres humanos — muitas delas têm trabalhado até às «tantas quantas...» ou continuam a trabalhar pelo atingir dessa meta de Justiça. E até, uma vez ou outra em que surgiu a oportunidade de uma oferta, parece-me que se tem caído na tentação de ir além das «tantas quantas», entregando a Famílias pobres mas não indigentes, uma casa que, quanto à maneira de usufruir, não foi concebida para elas sem perigo de deseducação.

Deus conserve, pois, em todas as almas generosas de párocos e seus parquianos o sentido das necessidades e da sua solução

solidariedade na sua concepção e seus processos tão eficaz no temperar homens — que não só fazer casas — devia ser a grande solução do problema habitacional e uma preciosa achega no alívio de muitos outros problemas sociais consequentes àquele.

É ver como o nosso emigrante partido de zona rural ou sub-urbana, leva, como primeira meta das suas ambições, comprar na terra natal um terrenozinho onde implantar a sua casa. Ora, se lhe tivessem dado cá uma oportunidade para fazer a sua casa, não seria ele mais seguro perante a possibilidade de partir?

Uma solução habitacional à medida dos nossos recursos, se é

roico empreendimento de construir a sua casa.

É a este que damos o telhado, se ele for capaz de levantar paredes seguras e bem dimensionadas, aptas a abrigar com a divisão que a Natureza exige os diversos membros da Família. Basta-nos que o Pároco, sentindo e assumindo aquela fundamental carência de uma ovelha corajosa do seu rebanho, avalize a empresa junto das outras ovelhas que não de ajudar a erguer a casa e junto de nós que ajudaremos a cobri-la e fechá-la.

Tudo simples. Muito pouco condicional. Que os condicionamentos excessivamente prudentes, além do que é simples e espontâneo, ao nível da gente humilde de que se trata, estiolam e afogam as melhores iniciativas. Estes Pequenos Auxílios, que de nada mais valessem, valeriam como um grito de que não morreu ainda no coração do homem a sua confiança nos outros homens.

Pois nesta modalidade, humildemente eficaz (eficaz, porque faz casas: humilde, porque aceita fazê-las com a modéstia possível.



MAIS UMA AIROSA CASA DO PATRIMÓNIO DOS POBRES. ESTA FICA SITUADA NA RIBEIRA BRAVA — MADEIRA.

«Para bem dos pobres e da minha consciência é que vai esta carta esclarecendo o que se tem passado e está a passar relativamente a pedidos de esmolas para o telhado de novas habitações. Fui desta região o primeiro a bater à porta de V. e, desde que comecei, continuamente e cada vez mais sou procurado para tal efeito.

Ora, não ficaria socegado em minha consciência se não tratasse de tudo aquilo que fosse de bem para os pobres e assim lhe escrevo para socegar a consciência e procurar evitar o prejuízo dos pobres. Em tais circunstâncias que me diz V.?! Eu conheço bem o meio, pois muitas vezes me desloco em serviço pelas freguesias vizinhas e por outro lado aqui as freguesias são muito juntinhas (ouço em minha casa os sinos das Igrejas de mais de 10 freguesias), mas só sou em direito pároco de uma, embora de facto me interesse por todos os pobres sem atender a limites de terra, pois o nosso semelhante, o nosso próximo é mesmo o desconhecido... Mas como fazer se V. quer que seja cada pároco a tratar dos seus?! Tudo isto já anda a halar em meu pensamento desde há bastante tempo e não queria ir com este assunto para junto de V., mas tenho neste momento três casos deste género... Por hoje não lhe mando os nomes dos interessados, pois aguardo que V. considere esta minha exposição e, dentro da brevidade possível, me diga alguma coisa. Só depois hei-de agir conforme me indicar, mas o que não queria e V. também não quer, é que os pobres não fossem atendidos».

A primeira nota de satisfação é esta: A lista de participações do Fundo do Património dos Pobres nas obras que pelo país em fora se fizeram, nomeia 170 paróquias. O fogo, pois, não se extingue, nem ameaça extinguir-se, graças a Deus.

Destas 170 paróquias, algumas são estreantes; a maior parte re-

das 170 paróquias já citadas, anda perto do que foi nos anos mais fartos, em que não era somente o Povo o voluntário contribuinte de tão apaixonante Obra, como tem sido nos derradeiros.

Os 836.618\$50 dividiram-se como nos anos anteriores por três rubricas.

Impregnada de desejo de elevação e de sobre-elevação, como é próprio da Caridade por que trabalham. E que Ele sopra sobre a semente deste «pequeno bem» e a leve a outras paróquias, onde a Justiça clama e a Caridade anda adormecida.

b) Auto-Construção:

Foi pequena (25 contos) a contribuição que prestámos ao Fundo de Auto-Construção, que P.e Fonseca, de Aguiar da Beira, lançou e dirige e que, graças a Deus, se tem espalhado por algumas paróquias.

Este movimento, tão rico de

verdadeira, decerto não será vistosa. Se se preferir vistosa, decerto não será verdadeira. É pena que, uma vez mais, os critérios por que os homens se deixam tentar sejam os provisórios — porque o provisório nunca é a bem da Nação.

c) Pequenos Auxílios:

Voltamos a repetir que esta modalidade assim designada em razão da modicidade da nossa colaboração, é uma forma menos estruturada de Auto-Construção, com semelhantes características constituintes, mas menor rendimento pedagógico, como é óbvio.

Nesta modalidade não é forçoso que haja uma equipe — o que supõe uma cabeça mentalizadora e vigilante do desenrolar do processo anímico do auto-construtor, ao longo da construção. Tal exigiria do Pároco uma dedicação ao movimento que nem sempre é possível por razões anteriores ou posteriores à sua missão pastoral.

Basta, pois, que haja um Pobre (não indigente, que este é objecto de assistência, portanto da solicitude do Património dos Pobres propriamente dito), que não resignado à sub-condição de moradia, mas não desesperado da magreza dos seus recursos e confiante no concurso de outros, se lança ao são e tantas vezes he-

— ainda assim muito acima, já, do nível, mais frequente entre os Pobres), empregamos da verba total acima dita, a sua maior parcela: 524.050\$00; ou seja cerca de 350 casas, umas feitas de raiz, outras renovadas — que não teriam sido possíveis sem este «êlan» de confiança que a promessa do telhado foi para os seus construtores.

— x —

Aqueles 836 contos que passaram por nossas mãos tiveram o seu maior contribuinte naquele Senhor, já referido nestas páginas, que tendo tencionado dar, vai fazer 10 anos, metade da sorte grande, se lhe saísse, cumpriria fielmente a sua intenção, que julgo não ter chegado sequer a ser promessa. No silenciar do seu nome sobre até Deus o nosso louvor e desce de Deus a Sua bênção.

Os 500 contos que nos entregou deram vida ao «fio de água» com que, gota a gota, íamos dessecando os que nos procuravam.

Pusemos a vida em dia, o ano passado e assim a temos conservado até ao presente. Somente agora começamos de novo a sentir os ardores da «seca».



OBRA DE BAPAZES, PARA BAPAZES, PELOS BAPAZES

O «Obra da Rua»

Cont. da PRIMEIRA página

forma. Agressivo, chocante, para com a crosta — que levanta e fere e sangra — do nosso egoísmo anti-humano, anti-social, e anti-cristão. Bendito Pai Américo e Aquele que pela sua boca falou para nos despertar e sacudir. Segue junto um vale de 50\$00 — miseráveis tostões que não pagam duas linhas do primeiro «conto real» do encontro dos tipógrafos. Deus me ajude e aos meus a despegar-nos da casca podre de egoísmo a que, invisivelmente, ainda estamos agarrados. Estamos ainda muito longe do dízimo do preceito judaico, por isso do pouco que ainda damos se nos afigura sem valor, porque com pouco sacrifício. Termine com uma oração — que Deus continue a proteger a Sua Obra de ressurgimento e aproveitamento dos valores humanos despresados».

Estas cartas não são agulhas achadas num palheiro. É o nosso correio do dia a dia. Fogo do Senhor; labareda que incendeia e revolve todas as «crostas».

Finalmente, se me dão licença, um avisozinho: ainda há na estante (e por acabar) cerca de 4.000 livros. A todos os nossos leitores — e sobretudo aos senhores e senhoras «incendiados» — como a Luz não é pra ficar debaixo do alqueire, lembramos que seria hora de aproveitar a Hora. A vosso lado, com certeza, no escritório ou na fábrica, no armazém, na escola ou na repartição, a vosso lado há gente que espera, também, a Hora da Revelação. Incendeiem toda essa gente! Digam e provem as Maravilhas que descobriram no «Obra da Rua» — seja o carisma de Pai Américo, seja a grandeza do que o Senhor realizou por suas mãos. E passem nota de quem mais esteja com vontade de receber o «Obra da Rua». A propósito: talvez já no próximo número revelaremos um processo muito prático e — temos fé — muito eficaz de descobrir outros e outros que ainda desconhecem e poderiam já conhecer o que vós conheceis — o «Obra da Rua». Esperemos pelo próximo número.

Júlio Mendes

Depois que foi aqui a nossa Festa, já deixei sair três jornais sem que lhe fizesse o comentário desejado.

É que, mesmo antes de se arrumar completamente a tenda, tivemos de virar costas, para fazer frente a uma epidemia de sarampo que o nosso «Pintainho-mor» trouxe para Casa, da Escola.

Mas eu não queria deixar de focar aqui alguns dos aspectos que mais interessam, como orientação para o futuro.

Temos firme confiança no Senhor que, quando e donde Ele quiser, fará correr, de novo, em caudal suficiente, este riozinho do Seu Amor que é o Fundo do Património dos Pobres.

— x —

Não quero deixar de referir aqui um outro valor que tenho por precioso: o intercâmbio que o Património dos Pobres nos alimenta com tantos irmãos pais, a paróquia por esse Portugal aléon.

Se nós lhes ministramos dos dons materiais que nos confiam; se lhes levamos um sopro de espírito que Deus inspirou a Pai Américo e este nos legou — quantos exemplos admiráveis de zelo, de fé, de consagração, de generosidade com que tantos irmãos nossos no sacerdócio de Cristo se deixam devorar pelas ovelhas do rebanho a quem servem, como bons pastores.

A documentar esta nossa confissão de regozijo, essa carta que vai emoldurada no meio do texto — uma de muitas, graças a Deus!

Conforme foi anunciado, houve duas sessões, uma no sábado, à noite e outra no domingo, de tarde. E, como no ano passado, o Ginásio repleto no domingo e com bastantes lugares vagos, no sábado.

Em vista da concorrência do ano passado, que foi o da estreita, nós contávamos com as duas casas cheias, este ano... Porém, à última hora, foi surgindo uma série de contas que tornou errados os nossos cálculos.

Ora, só quem se mete em tais trabalhos é que sabe quanto esforço representa o levar a efeito uma récita destas, por duas vezes e no Ginásio.

Não obstante toda a boa vontade do Ex.mo Sr. Reitor do Liceu, que nos concede todas as facilidades possíveis, pelo que lhe queremos manifestar aqui o nosso profundo reconhecimento, as actividades próprias do Ginásio deixam-nos pouco tempo livre para preparar o palco e mobilar a vasta sala, antes da sessão de sábado.

Pelo que toca aos Gaiatos, que a récita, propriamente dita, é da sua responsabilidade, gostam de ver a casa cheia e, quando assim acontece, o calor e a arte logo sobem de nível.

Li-a no «Comércio» de 17 passado. Trazia a nota da véspera a informação vinda de Argel. E dizia:

ARGEL, 16 — A partir de hoje o adultério passa a ser punido por lei na Argélia, mas o castigo para as mulheres é duas vezes maior do que para os homens.

O telegrama gastava mais umas poucas linhas, mas estas bastaram-me para fazer dela a grande nova daquele dia.

Que pena não a ter encontrado em outros jornais mais responsáveis!...

Não vou dizer que penso ter-se cortado a meta da Justiça. Mas impressiona-me que venha do Islão, de terra ultimamente revolvida por ideias mal-sãs e ainda em clima de revolução, tal atitude perante um facto cuja frequência parece ter-lhe conferido direitos

BARRERO

A R. da Fonte Taurina, por muito próxima do Barredo, não lhe fica atrás nos seus males. Aquela porta cinquenta e seis, já aqui falada, é caracte-

de cidadania na velha Europa que se diz cristã.

Salva-se, pelo menos um princípio: o adultério é declarado crime social, que não apenas pecado privado, como se deduz da aplicação de uma pena que lhe reserva o novo Código Penal argelino.

E se o crime é desigualmente considerado em relação ao homem e à mulher, dobrando a pena quando é ela a prevaricadora — ainda assim a posição da mulher fica muito mais defendida na sociedade argelina, pois que na sociedade europeia só se conhece os extremos: ou licença para ambos os sexos; ou todos os direitos à licenciosidade para o homem e nenhum para a mulher.

Esta — pobre dela se cai!...

Até uma fraqueza lhe é impugnada. Aquele continua a ser o considerado cidadão da nossa praça (às vezes até é comendador!) e não só com uma falta transitória, mas até mesmo com uma situação estabelecida, officiosamente reconhecida como sendo um ademan conveniente ao trem de vida de certo nível de fortuna em diante.

E se por sobre os direitos ofendidos do homem ou da mulher, consideramos o que o adultério tem, também, de traição aos filhos — temos de reconhecer que a muçulmana Argélia, declarando guerra a este tumor maligno, coloca a Família numa posição defendida e dignificada, como se não vê na cristã Europa.

terística em acumulação de gente. Para camuflar a ilegalidade chamam-lhe hospedaria, como sistema do senhorio manter o seu direito ao terreno, afirmado cada dia ou semana que passa no cobrar das rendas. E se aquele é tão bondoso que não põe questão em alugar o quarto a casal com filhos, como acontece em Lisboa e arredores, é porque as condições de vida ali dentro se encarregam de os ir eliminando. Quantos eu já vi morrer!

Esta mulher chama-se Maria do Alívio. Para alimentar os seus dois filhos, ela que anda no Dispensário, trabalha na esfrega. Não é tanto o que ganha, mas «mais o que os senhores dão. Sempre se traz alguma coisa de comer para casa». Aquele dinheiro chega a pouco, depois de pagar a renda. Os filhos são de seis e dois anos porque o mais pequenino não sobreviveu aos três meses. O homem enquanto válido foi carregado. Agora é um leito do Sanatório que carrega o seu corpo.

À beira um caso à parte. Nunca vi quarto tão limpo. As paredes estão forradas de papel de cores; os móveis, modestos mas novos. A senhoria mandou assim preparar o quarto, para um casal de noivos que, apesar de tudo, não suportou aquele ambiente. Mas ali veio cair, um operário, vítima no desastre de Custóias. Nunca mais pode fazer nada, por doenças que embora não pareçam causadas directamente, ele nunca tinha sentido. São seis filhos. Naquela manhã o mais velho estava de cama, muito contuso na face na cabeça e pelo corpo. Tinha caído do terceiro andar ao rés do chão pelas escadas interiores. Torce-se todo com dores e não pode falar. Os irmãos andam a brincar lá fora. Dantes

era o pai que eu encontrava na cama. Quis saber dele. «Anda a tocar e a cantar com os cegos pelo Porto a ver se ganha alguma coisinha». É natural que ganhe, porque muita gente pensa aliviar a sua consciência das responsabilidades sociais, se dá cinco ou dez tostões a um cego, ou a um pobre que furtivamente à porta da Igreja lhe estende a mão. Como se fosse dever dos pobres estender a mão, ou um modo de subsistência andar a pedir. Não somos nós, antes, que devemos ir até eles? Oitamos o que diz o Concílio na Constituição Pastoral «a Igreja e o mundo contemporâneo».

«É necessário tornar acessíveis ao homem todas as coisas de que necessita para levar uma vida verdadeiramente humana: alimentação, vestuário, casa, direito de escolher livremente o estado de vida, e de constituir família, direito à educação, ao trabalho, à boa fama, ao respeito, à conveniente informação, direito de agir segundo as normas da própria consciência, direito à protecção da sua vida, e à justa liberdade, mesmo em matéria religiosa».

A quanto do exposto tem acesso os nossos Pobres? Não é todavia com a esmola que se lhe reconhecem estes direitos. Dar do supérfluo não é esmola, é restituição. Dar do necessário é caridade. Mas em quantos cristãos se encontra esta?

E não é mesmo com esta que o problema da miséria se resolve. Ensina a Igreja que há-de ser com estruturas sociais «fundadas na verdade, construídas sobre a justiça e vivificadas pela Caridade» que poremos o Pobre no seu devido lugar.

Padre José Maria



É humano e nem os profissionais do palco fogem a esta regra. Quanto mais tratando-se duma festa que pretende ser confraternização de amigos, pretexto para uma mais vivência da caridade cristã.

Por tudo o que aí fica dito, para o ano, a Festa será, se Deus quiser, só na tarde dum domingo. Acautelem-se, pois, os bons Amigos e não se guardem para a última hora, pois, com toda a certeza, muitos não-de ficar do lado de fora, como aconteceu às «virgens loucas».

Quero agora agradecer — e peço muita desculpa por só o fazer hoje — às entidades oficiais e aos particulares que, desinteressadamente, nos deram a sua colaboração.

Aos senhores comandantes da Polícia, da G. N. Republicana e dos Bombeiros Municipais, o nosso reconhecimento pelas facilidades concedidas e aos Escuteiros o nosso obrigado pela colaboração prestada.

Inês — Belém — Viscu

Visado pela

Comissão de Censura

PELAS CASAS DO GAIATO

CALVÁRIO

* **PENTECOSTES** — Há necessidade de a Obra da Rua se estender cada vez mais. Pois apesar de tanto fazer em benefício de tantos seres abandonados e doentes, os homens reclamam a acção benéfica em favor de tantos necessitados. Torna-se pois, um remédio espiritual e material o seu alargamento a outras paragens. Aos actuais Obreiros ter-se-ão de juntar outros, para assim ser possível.

Para tanto temos que recorrer Aquela a quem está dedicada, e que portanto é a Sua Obra da Rua.

No dia 29 do passado mês de Maio, o senhor P.e Carlos lembrou-nos, ou melhor informou, que nesse dia fora escolhido para invocar também o Espírito Santo como poderoso auxílio. Pois tratava-se da celebração da festa de Pentecostes. Para Ele descer também sobre os novos escolhidos. Sendo assim concretizam-se os desejos da Obra. E Ele irá brilhar em muitos corações que andam falhos de LUZ! Nem que os homens tentem o contrário. Se for a Sua Vontade que a Obra cresça, assim será! Nesse dia citado, foram essas as nossas preces. Esperamos... apesar das nossas faltas!

Nesse mesmo dia foi o funeral de uma doente que tinha falecido na véspera. Tem acontecido muitas vezes com outros nossos irmãos doentes.

Humanamente parecerá impossível sofrer tanto e durante tão grande espaço de tempo entre a vida e a morte. Mas sempre com confiança em melhores dias.

Foi assim a vida de sofrimento da Senhora Maria da Luz. Repete-se, afinal, o que já temos tido ocasião de verificar em tantos doentes sem esperanças clínicas. Mas dotados de fé e resignação que nos pasmam.

Vai juntar-se mais um factio ao luzeiro que a Obra tem no Céu!

Com oblações às nossas petições, apesar das nossas fraquezas! Assim o esperamos.

Tribuna de Coimbra

Cont. da PRIMEIRA página

nino altar com estante e com a Bíblia. Duas mísulas laterais suportam as imagens de Nossa Senhora e S. Brás. As paredes, no fundo, estão revestidas de azulejo antigo.

Por toda a parte encontramos rapazes nos seus trabalhos, conscientes da sua missão. Os nossos visitantes, na despedida, não esconderam a sua admiração e entusiasmo: «Que lindo que tudo isto é; só aqui se pode fazer ideia do que é a Casa do Gaiato; isto é tudo admirável».

Partiram radiantes, prometendo que voltariam de novo.

Padre Horácio

Ao receber esta nossa irmã doente no dia em que lhe rogávamos mais Obreiros para a Obra que tem resgatado casos como este, será mais um motivo para esperarmos pelo toque do Espírito Santo!

Manuel Simões

BENGUELA

* **NOTÍCIAS DA CASERNA** — Terminou há dias um campeonato que esteve a decorrer com o maior interesse. Como já se sabe, o vencedor foi o Américo. E constava do seguinte: quem errasse menos resultados no campeonato era esse o campeão. Segundo lugar o Rui, seguido de mim, depois Almerindo, «Recruta», Passarinho, Toi, Victor, Nelo, Mourato, João C. V., Mineiro, Qui-Qui.

Os prémios foram óptimos. A cerimónia efectuou-se depois do jantar, na sala de jogos, começando os prémios em camisa de nylon e acabando em «FIGOS». Quanto a equipas, a alfaiataria foi a campeã e temos direito a uma sessão de cinema e já não é mau.

Oswaldo Manuel dos Santos

BELÉM

* **AS FLORES** — Na nossa quinta temos muitas flores. Logo à entrada da porta principal temos quatro canteiros, com flores muito bonitas. Pelos muros da quinta, também temos rosas e chorões a cair em pelos muros.

As flores que nós cá temos são: lírios, dalias, gladiolos, tulipas, cravos, rosas, malmequeres, zínias, açucenas, sardineiras, violetas, jarros, e orquídeas. Já estamos no Verão, temos de começar a regar o jardim e tratar dele com carinho, se queremos ter flores para enfeitar a nossa Casa. Como neste tempo temos muitas flores, a nossa Mãe tem dado algumas para as Igrejas. Se as senhoras de Viseu precisarem de comprar rosas e outras flores venham cá ver como as nossas são bonitas.

Dili

* **TRABALHO DO CAMPO** — Os trabalhos que nós agora temos andado a fazer são: espoldrar, andar à caruma, regar e raspar. Nós já raspamos alguns campos e já se semearam algumas coisas como: batatas, milho e feijão de várias qualidades. Este último campo que raspámos foi lavrado e semeado ontem. Para se plantar ou semear é preciso preparar-se a terra muito bem. A nossa quinta já foi toda lavrada e cavada, nos sítios onde não pode chegar a charrua. Também já pouca terra está livre. Por isso, agora começa a tornar-se cada vez mais bonita. São plantas, flores e frutos por todos os lados.

Os senhores não querem vir até cá ver? Nós, quando pensámos que também trabalhámos para a fazer produzir, ficamos todas contentes.

Sãozita

* **A FRUTA** — Nós cá na quinta costumamos ter sempre muita fruta. Este ano, em magãs não temos fartura, mas as peras têm-las em mais quantidade. Cá na quinta gostamos todas de fruta, mas é preciso cuidarmos muito bem das árvores: tirar as ervas à volta, sacá-las, adubá-las e regá-las. Se não forem assim tratadas não podem dar nenhuma fruta. Quando ela amadurece, nós, de manhã e à merenda, comemos sempre fruta. Também se costuma vender alguma, e assim já se ganha algum dinheiro, que depois serve para o nosso sustento e para o cultivo da quinta.

Lindita

* **FESTA DO CORPO DE DEUS** — No dia do Corpo de Deus foi um grupo de Belenitas, cantar as Missas às freguesias de Ranhados e Fragosela. Veio cá o Senhor Padre Coelho, ensaiar-nos as orações próprias da Missa.

Partimos de cá às oito horas e meia. Vieram cá quatro carros buscar-nos. De casa até a Ranhados fomos de carro, e de lá a Fragosela fomos de camioneta.

Acabou muito tarde, porque houve procissão nas duas terras. Quando acabou a última missa, viemos embora na mesma camioneta. Pelo caminho vínhamos a cantar algumas cantigas, até Casa. Foi muito alegre, porque nós do que gostamos é de passear e andar de carro.

Aquela gente gostou muito de nos ouvir cantar. A Fragosela já foi a segunda vez que fomos.

Amanhã, domingo, iremos cantar a Festa do Santíssimo a S. Salvador. De lá seguiremos outra vez para Ranhados, cantar outra Missa.

Mas o Senhor Padre Coelho não nos ensina só missas; já nos ensinou muitas cantigas, lindas a valer.

Nós andamos todas contentes. Por este andar, para o ano, vamos fazer um figurão, na Festa dos Gaiatos.

Fernanda

* **O CEBOLO** — As primeiras a plantarem o cebolo fui eu e a Fatinha. Andava eu a guardar as galinhas, com a Jimba e a Fatinha a sacchar as batatas com algumas. Em seguida a nossa Mãe chamou-me a mim e à Fatinha e perguntou-nos se tínhamos chapéu. Como eu não tinha, a nossa Mãe deu-me um lenço e disse para eu ver o que lhe fazia e fomos para o cebolo. Depois de estar plantado, no dia seguinte, veio uma trovoadá que o enterrou todo. Por isso trouxeram-nos mais do Seminário das Missões e a nossa Avózinha também nos arranhou um grande cesto. Quem o plantou fui eu e a Fernanda e a Maria deitou o estrume. Quem fazia os regos era o senhor José.

Sãozita

BEIRE

* A Casa do Gaiato de Beire existe! Pela ausência de notícias relacionadas com ela não significa que haja desaparecido! Nada disso! Aqui têm uma prova.

Como os amigos leitores já têm sido informados através de «O Gaiato» a Quinta da Torre, em Beire tem dois conjuntos de certo modo opostos, mas que se completam pois a circunstância é a mesma: o abandono; rapazes e doentes!

Como sabem, e, estas linhas se outro fim não tivessem, serviriam para vos lembrar que como todas as Casas do Gaiato têm rapazes que trabalham consoante as habilidades de cada um. Exige mais esforço nuns, e em outros menos.

O meio ambiente poderá destoar um tudo nada das outras Casas. Mas não há tanta diferença como seria a intenção primitiva de fazer desta Casa outro destino. Sabemos que nas outras Casas, quando algum rapaz se deslocava a outra era olhado, com uma certa desconfiança para não dizermos o pior!

Não sabemos se eram válidos esses receios. O que vos digo, naquilo que tenho verificado, que não se trata, fora algumas excepções, de rapazes inúteis.

Só a circunstância do «Calvário» ser o nosso meio de mais ampla permanência faz com que não seja tão fácil dar notícias oportunas. Estas de certo serão bem acolhidas!

Ocupando-se todos eles no serviço caseiro da lavoura não será fácil para qualquer deles arranjar tempo para falar convosco pelo jornal.

E posso testemunhar que o trabalho é bastante para eles. E quem colhe os benefícios, além deles, são sobretudo os doentes do Calvário!

Se há dificuldades por vezes bastante grandes, sem o útil trabalho destes rapazes seriam muitíssimo maiores!

Ainda há poucos momentos passámos uma vista de relance pelos campos. Na verdade é necessário sacrifício por vezes penosos para se ter as coisas a prometer tanto nas sementeiras.

Pois, milho, feijão, batatas, etc. prometem ser mais uma vez (Deus o permita) uma forte ajuda na alimentação de mais de uma centena de pessoas, doentes e rapazes.

Se eles na medida das suas possibilidades procuram sacrificarem-se achamos justo que eles através destas colunas venham lembrar-vos que nem só do trabalho se compõe o seu dia a dia.

Possuidores dum campo de Futebol que faz cobiça a qualquer clube com prática oficial será pois de admitir que tenham possibilidades de praticar esse desporto com garantias seguras.

O Senhor Padre Baptista sabe e compreende perfeitamente que o Desporto é um belo meio de formar carácter e formar homens de corpo possuidor de espírito sadio.

Para tanto comprou uma bela bola, uma senhora que muito quer à Obra, e, que se tem sacrificado temporadas a fazer seu o trabalho de uma Mãe junto deles. E não contente com o esforço que voluntariamente tem tido para bem dos rapazes brindou-os com camisolas e calções!

E o amigo leitor não sentirá o mesmo? Não merecerão os rapazes um sacrifício da vossa parte? Todos os meios são oportunos para pôr à prova o vosso carinho.

Para bom entendedor... Mas adiantamos para esclarecer que são chateiras que eles querem! Porque esperam? Dêem as vossas ordens para:

Casa do Gaiato — Beire — Paredes. Telefone, 22878 — Rede de Penafiel.

Manuel Simões

Mais um Casamento



Ai têm o Arménio (ex-Cocas), acompanhado da Maria de Fátima, após o enlace matrimonial que os uniu para sempre.

Recordando Paço de Sousa

Que linda aldeia!...
Jamais me passa da ideia,
Jamais a esquecerei!
Pois eram aqueles
Os sítios formosos
Dos anos gostosos
Que já passei.

Na mata as mimosas,
Sombrias, cheirosas,
D'aroma perfumado.
Em baixo o ribeiro,
Com andar ligeiro,
Lá vai apressado.

Além, a capela...
Modesta e singela,
É o altar da aldeia.
Onde a oração é rezada,
Depois de acabada,
A refeição da ceia.

As casas granitadas,
Limpas e asseadas,
São ninhos de amor!
Num jardim caseiro,
Não há um canteiro,
Que não esteja em flor.

De toda, em cada esquina,
Há uma paixão que domina,
Há um recanto de amor!...
Mas porque vive deserta
Com a ausência do poeta,
É uma canção sem cantor!...

Joaquim dos Santos Silva



Outro neto da Obra da Rua. Este é o filho do Tomás, que foi de Paço de Sousa e hoje se encontra radicado em Lourenço Marques.



TRANSPORTADO NOS AVIÕES DA T. A. P. PARA ANGOLA E MOÇAMBIQUE